

APRESENTAÇÃO

SOCIEDADE, MEIO AMBIENTE E CIDADANIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Sociedade, Meio Ambiente e Cidadania (SMC), é o nome de uma disciplina oferecida às/aos estudantes de todos os cursos da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP, a EACH ou USP Leste, em seu Ciclo Básico. É daquelas disciplinas que denominamos de formativas gerais. Faz parte de um rol de matérias que, acreditamos, todos os egressos da USP devem dominar, para serem profissionais antenados com os assuntos e problemas mais importantes da atualidade, independentemente da opção profissional de ingresso na Universidade.

As competências e os conhecimentos adquiridos em suas formações específicas (são onze os cursos de graduação da EACH) capacitam nossas/os discentes para o exercício da profissão escolhida no vestibular. Mas não é apenas o compromisso com a qualidade dessas formações que nos move. Enquanto docentes de uma instituição pública, gratuita e socialmente referenciada, como a Universidade de São Paulo, buscamos sensibilizar o nosso corpo discente para que coloquem as habilidades adquiridas em suas formações específicas e/ou especializadas, também a serviço dos interesses mais amplos do coletivo social em que estamos inseridos, sobretudo quando temos o privilégio de nos formarmos em uma universidade pública financiada por este coletivo.

Em cada disciplina que ministramos, em cada projeto de iniciação científica que tutoramos, tais objetivos ou tais metas de sensibilização social, podem e devem, estar presentes. Mas, para nós, não bastam as profissões de fé e as boas vontades de cada pessoa, nesse sentido. E por isso, na EACH, estruturamos um Ciclo Básico, comum a

todos os cursos, pelo qual deve passar todo o corpo discente, e consagramos, nos projetos pedagógicos institucionais de cada curso e também no Projeto Acadêmico Institucional da própria EACH, essa espécie de coluna vertebral que nos dá identidade e que oferece esse espaço de sensibilização de todas e todos com as questões de interesse da sociedade e da cidadania.

Em nosso caso, – de SMC –, como sintética e carinhosamente nos referimos ao quinhão que nos cabe nesse processo de sensibilização cidadã, pautamo-nos por difundir e explicitar, com a abordagem de temas diversos, aquilo que a própria denominação da disciplina já indica.

E isso significa promover, entre as/os estudantes, a capacidade de percepção de que as relações sociais estabelecidas, e as ações desencadeadas a partir disto nas dinâmicas da natureza e nos seus diversos elementos, é que produzem a realidade socioambiental que nos envolve. Tal percepção justifica a reflexão sobre a questão da cidadania, uma vez que são nas dimensões políticas e jurídicas que a compõem, – do instituinte ao instituído –, que residem os poderes de calibrar a qualidade e as condições destas relações.

Há algum tempo, nós as/os docentes dedicadas/os a ministrar Sociedade, Meio Ambiente e Cidadania e seu amplo leque de temas que interessam e caracterizam a disciplina, temos buscado dialogar com o intuito de promover ações integradas e a realização de atividades comuns, que potencializem e dinamizem as nossas abordagens, a partir da contribuição de cada pessoa integrante desse grupo, de modo a melhor cumprir os objetivos de sensibilização a que estamos comprometidos, sobretudo este que há pouco sublinhamos: a de que as condições socioambientais estão diretamente relacionadas com a qualidade e a condição de nossas relações sociais.

Os princípios da disciplina, a começar daquele expresso em sua própria denominação é um chamado a essa atuação conjunta e integrada. Em anos passados não deixamos de praticar isso. Da discussão de diretrizes programáticas comuns, à confecção ou aprimoramento da ementa da disciplina, passando pelos inúmeros debates que promovemos, com convidados, ou pelos diálogos em sessões de cine socioambiental em convênio com a Mostra Ecofalante, ou com a Sala Crisantempo, nunca deixamos de agir de forma mais ou menos integrada.

Mas aí, aconteceu o que de certa forma sempre debatemos e alertamos em nossas aulas, em nossos esforços de explicitação das relações entre Sociedade e Ambiente: diante de relações sociais predadoras e precarizadoras, colheríamos catástrofes socioambientais. Em 2020, uma pandemia atravessou-nos de norte a sul e de leste a oeste do planeta, obrigando a Organização Mundial da Saúde a declarar essa condição a partir de 11 de março daquele ano.

A história e os fatos que se processaram a partir daí todos nós vivenciamos e os temos frescos na memória. No momento em que editávamos este livro, dois anos depois, sequer a condição pandêmica havia sido revogada, apesar do grande arrefecimento obtido no número de casos e mortes, principalmente com as campanhas de vacinação e outras medidas adotadas.

O fato é que a pandemia nos colocou a todas/os numa espécie de imersão, de curso intensivo das relações sociedade-ambiente-cidadania. Do mundo real, de um cotidiano alterado, aos noticiários, passando pelas telas dos computadores e maquinários de transmissão virtual a que todos estivemos (e estamos) submetidos nas 24 horas de nossos dias, esta imersão envolveu a todas as pessoas. As desigualdades sociais e econômicas, as discriminações, os debates sobre as ciências, o negacionismo, os desequilíbrios ecossistêmicos, as mortes, os contágios, a solidariedade, a desfaçatez e o menosprezo, assim como o senso de coletividade, entre muitos outros, foram valores e discussões que afloraram e sucumbiram ao longo de todos os dias em que estivemos afastados ou privados da convivência de sempre, enquanto outras tantas pessoas foram obrigadas a submeter-se aos riscos cotidianos, por uma questão de sobrevivência ou de cuidado com nossa saúde.

Essa condição impôs a nós, docentes de SMC, e por mais contraditório que isto possa parecer, um estreitamento de relações e uma vontade de um planejamento comum, mais integrado ainda do que já havíamos logrado em anos anteriores. Dessa forma, e como a nossa disciplina acontece tradicionalmente nos segundos semestres de cada ano, passamos o primeiro semestre de 2020 envolvidos por essa disposição, essa vontade de afinar integrações, em muitas e muitas reuniões. Todas virtuais, como se impunha.

Disso resultaram as duas edições especiais da disciplina que promovemos em 2020 e 2021.

Organizamos essas duas edições especiais de SMC produzindo um programa de curso, compartilhado pelas/os 9 docentes que concordaram em se integrar e assumiram cerca de 30 turmas nesses dois anos (15 por semestre), estabelecendo uma sequência de abordagens temáticas que, a partir do tema gerador, – SMC e a Pandemia de covid 19 –, permitisse-nos cumprir os objetivos gerais da disciplina, ministrada mesmo que de forma remota emergencial. Estabelecemos um programa único em que cada um de nós, a partir de seus temas de interesses e pesquisas mais especializadas, pudesse contribuir com a construção dessa abordagem ampla de SMC que a condição pandêmica nos proporcionava e exigia. Essas contribuições correspondem exatamente aos capítulos que compõem esse livro, na mesma sequência em que aqui os apresentamos. Este livro registra a memória dessas edições especiais de SMC. Originalmente cada um dos temas de capítulos que desenvolveremos a seguir, foram apresentados como videoaulas produzidas pelas autoras e autores que os assinam. Semanalmente, cada um de nós entrávamos em nossas respectivas turmas, compartilhávamos as videoaulas e estabelecíamos um debate a partir delas e das referências e textos indicados para subsidiar as discussões. Dessa forma, sempre ao menos dois de nós estávamos “presentes” em cada aula: uma/um docente por meio do vídeo que produziu; outra, conduzindo a aula e os debates, na(s) turma(s) sob sua responsabilidade. Aqui é importante registrar que contávamos sempre com o apoio precioso das/os seguintes bolsistas PAE, Programa de Aperfeiçoamento de Ensino, oferecido a estudantes de pós-graduação, que também estavam presentes nessas aulas e muito contribuíram para a dinamização dos debates, além de oferecerem interlocução extraclasse às pessoas

que as/os procuravam: Beatriz Besen, Priscila Viana Alves, Camila Sasahara, Leticia Stevanato Rodrigues, Laércio Santos, Ana Claudia Sanches Baptista, Nataly Maria Pereira Santos, Aline Lis Ramos, Lia Taruiap Troncarelli, Karla Sessin Dilascio e Dumara Regina de Lima.

A riqueza desses debates, o tratamento e a profundidade de reflexões proporcionados pelas videoaulas e pelos textos, além de sessões comuns que nos envolveram a todos, em alguns sábados, é que nos estimulou a registrar a memória de tudo isso e organizar este livro que ora apresentamos. Dessa forma, partimos dos roteiros das aulas e dos conteúdos das videoaulas, enriquecidos pelos debates e reflexões proporcionadas e produzimos os nove capítulos que vem a seguir.

Havíamos pensado em uma estrutura de curso que começasse pela problematização e reflexão sobre as origens da pandemia, evidenciando o tipo de relações sociais que degeneraram na “enfermidade” do planeta, e nos conduzissem até a consideração de quais ações e mudanças deveríamos promover para evitar essa nossa recorrente história de catástrofes socioambientais sucessivas. Esse percurso se materializou nas abordagens desenvolvidas no Capítulo 1, de autoria de Carla Morsello (em que se relacionam as mudanças socioambientais e o advento da pandemia) e no derradeiro, Capítulo 9, de autoria de Cristina Adams (onde se apontam possíveis saídas para a crise instalada). Em todos os demais capítulos suas autoras e autores avaliam os aspectos mais particulares desse percurso geral, como: o Antropoceno e o desrespeito aos limites de fronteiras planetárias, de Luciana G. de Araujo; energia, mudança climática e o muito que há por fazer nesse campo, de André F. Simões; o acesso desigual à água e a absurda condição do saneamento no Brasil, de Ana P. Fracalanza; o “oceano” de resíduos e a irresponsabilidade produtiva, de Sylmara G. Dias; fronteiras da política, da bio e da sociodiversidade, de Marcos B. de Carvalho; sindemia e as desigualdades socioespaciais, de Silvia H. Zanirato; as questões de justiça e equidade frente à pandemia, de Pedro H. Torres. Em todos eles, no entanto, não deixamos de imprimir a característica que identifica o projeto de abordagem integrada como um todo, ou seja, ao lado da caracterização de cada um dos problemas indicados, cujas abordagens se sucedem nos vários capítulos, não deixamos de sugerir também possíveis saídas ou soluções.

Essa preocupação, em não só pintar o quadro, já catastrófico – e a pandemia é prova dessa condição –, mas sugerir também a reflexão sobre caminhos e soluções, é preocupação pedagógica de quem está às voltas com a formação de pessoas e de quem sabe da importância do assunto que estamos tratando e tem o dever de alertar para essa condição perigosa em que nos encontramos, de flerte cotidiano com situações limites, “situações de não retorno”, haja vista as condições de nossas florestas e biomas, particularmente a Amazônia, dos povos indígenas e da massa de vulnerabilizados pela produção incessante de injustiças e racismos socioambientais que grassam por aí, nos campos e nas cidades.

A ideia é a de fornecer os alertas, os estímulos e os instrumentos para que nos engajemos em produzir situações que ajudem a evitar, como cidadãos/ãos e profissionais,

no mínimo, a ultrapassagem daqueles pontos limites, a partir dos quais as catástrofes e as injustiças socioambientais se instalam.

Quando estávamos fechando este livro, em 7 de abril de 2022, a genial cartunista Laerte publicou uma tira no jornal Folha de São Paulo, em que com meia dúzia de palavras e o fino traço de seu desenho, sintetizou muito do que queríamos expressar em nossas aulas e que aqui registramos em livro.

Ao pedirmos a autorização da artista para publicarmos sua tira em nosso livro, imediata e simpaticamente ela aquiesceu, manifestando contentamento em poder participar de nosso projeto. É com essa introdução da Laerte que queremos desejar a todas as pessoas uma boa leitura e, sobretudo, que, caso os temas abordados nos capítulos as sensibilizem para a importância da questão, engajem-se na perspectiva de ação que o conhecimento das relações entre sociedade, ambiente e cidadania nos indica e nos impõe.

